



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB A PERSPECTIVA DOS
PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
CARINHANHA-BA**

NÚBIA ALVES PEREIRA

ORIENTADORA: FERNANDA CUPOLILLO MIANA DE FARIA

BRASÍLIA/ 2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

NÚBIA ALVES PEREIRA

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB A PERSPECTIVA DOS
PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
CARINHANHA-BA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Fernanda Cupolillo Miana de Faria

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

NÚBIA ALVES PEREIRA

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CARINHANHA-BA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

FERNANDA CUPOLILLO MIANA DE FARIA (Orientador)

SILVIA URMILA ALMEIDA SANTOS (Examinador)

NOME DO ALUNO

BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos meus amados filhos, que são a luz da minha vida e que em momento algum foram empecilhos para continuar com meus estudos. Ao meu esposo, que caminhou junto comigo, com paciência e dedicação. Aos meus pais e irmãos, que sempre me deram força para que eu pudesse lutar e alcançar meus objetivos. E a todos os meus colegas que sempre esteve me dando apoio.

AGRADECIMENTOS

Este processo de especialização que percorri não foi fácil, mas encontrei pessoas que muito contribuíram para que pudesse desenvolver meus trabalhos de forma harmoniosa e eficaz.

E em primeiro lugar agradeço ao meu bom Deus, que me iluminou e deu forças para continuar.

Aos meus pais, Carlos e Odete, pelo apoio, dedicação e estímulo que tanto me deram para a realização desse sonho.

A meus filhos e esposo, que caminharam junto comigo, me apoiando e tendo paciência comigo.

Aos meus irmãos, que sempre acreditaram que eu iria alcançar este objetivo tão sonhado, pois sempre gostei de trabalhar com pessoas com necessidades educacionais especiais.

Agradeço de uma forma especial à minha orientadora Fernanda Cupolillo Miana de Faria e Barbara Cristina Duqueviz, que contribuíram bastante me orientando e mostrando os caminhos a seguir na execução desse trabalho.

A todos os meus colegas; em especial, Rosa Maria, Maria do Carmo, Maria da Glória, Marinalva, Cícero e Leandro Viana.

Às tutoras presenciais, Maria de Lourdes e Anne.

E a todos aqueles que de forma direta e indireta, contribuíram nesta caminhada.

SUMÁRIO

RESUMO	7
1. APRESENTAÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. Educação inclusiva	12
2.2. Perfil do educador para o atendimento de pessoas com necessidades educacionais especiais	14
3. OBJETIVOS	17
3.1. Objetivo geral	17
3.2. Objetivos específicos	17
4. METODOLOGIA	18
4.1. Fundamentação Teórica da Metodologia	18
4.2. Contexto da Pesquisa	18
4.3. Participantes	19
4.4. Materiais	19
4.5. Instrumentos de Construção de Dados	20
4.6. Procedimentos de Construção de Dados	21
4.7. Procedimentos de Análise de Dados	21
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
5.1. Entrevista	22
5.2. Observação	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7. REFERÊNCIAS	32
8. ANEXOS	33
8.1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professor	33
8.2. Carta de Apresentação – Escola	35
8.3. Aceite Institucional	36
9. APÊNDICES	37
9.1. Roteiro de entrevista – Professor	37
9.2. Observação	38

RESUMO

O presente trabalho lança luz sobre a educação inclusiva na perspectiva dos professores de uma escola do município de Carinhanha-Ba. Tem-se como objetivo compreender a visão dos educadores em relação à educação inclusiva, seus entendimentos e métodos para se trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais na sala de aula. Para um melhor aprofundamento em relação à temática em estudo, as reflexões foram atravessadas por pesquisadores da área; em especial, Maria Teresa Eglér Mantoan e José Pacheco. Deu-se grande destaque também aos Parâmetros Curriculares Nacionais, dentre outros documentos e estudos utilizados. A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo, com entrevistas e observações. Nesta perspectiva, são notáveis as dificuldades encontradas para se trabalhar com a inclusão, desde a organização da instituição escolar aos educadores que nela trabalham, tendo em vista a falta de preparo dos educadores. Até o momento, poucos tinham sido os cursos de aperfeiçoamento nesta área ofertados e acessíveis para o público em questão.

Palavras-Chave: educação inclusiva; rede municipal; professores.

1. APRESENTAÇÃO

Ao passar por uma grande dificuldade em trabalhar com uma aluna com necessidades educacionais especiais, em meu primeiro ano de trabalho, com uma turma de primeira série de alfabetização, formada por 28 alunos, vi a necessidade de buscar conhecimentos relacionados a esta modalidade. Porém, a educação inclusiva ainda não era algo a que se dava prioridade no nosso município: não tínhamos palestras, muito menos livros disponíveis na escola. Mesmo sem nenhuma capacitação, o tempo me ajudou e adquiri com a experiência algumas habilidades. Trabalhei com esta aluna por três anos consecutivos. Ela saiu lendo escrevendo, tendo noções básicas de português, matemática, dentre outras coisas. Tudo dentro de suas potencialidades e se socializando melhor no meio em que vive.

Diante dessa experiência, vi a necessidade de buscar novos saberes relacionados à educação inclusiva. Um tempo depois, iniciei a graduação em pedagogia, mas não sabia que teria uma disciplina sobre educação inclusiva. Fiquei muito contente ao cursar esta disciplina e pude aprender muito. As trocas de experiências entre os colegas e a tutora também constituíram um fator que muito contribuíram para a minha aprendizagem. Quando terminei a graduação, precisava fazer uma especialização, mas não tinha nenhuma sendo oferecida. A primeira oportunidade que surgiu foi esta, então acabei abraçando-a. A localidade na qual resido e trabalho abrigam muitas crianças com necessidades educacionais especiais e não há professores especializados. Estou sendo a primeira a realizar esta especialização na escola em que trabalho, para atender melhor a estes alunos, ou até mesmo transmitir aos meus colegas conhecimentos necessários para que possam desenvolver e acolher melhor estes alunos na sala de aula regular.

São visíveis as dificuldades que os educadores sentem em trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais. Isso acontece, entre outras coisas, porque os educadores indicados para trabalhar com estes alunos não têm experiências, muito menos formação para trabalhar com a educação especial. Diante disso, acredito que exista a necessidade de saber

desses profissionais da educação o que entendem acerca destas problemáticas. De acordo com Coelho:

Por isso afirmamos que a prática é o ponto de partida. Dela, emergem as questões, as necessidades e as possibilidades, ou seja, a prática esboça a trajetória que o professor deve percorrer. O olhar investigativo sobre o cotidiano escolar é constituído pelos conhecimentos de que dispõe o professor. Com isso, fica claro que a aquisição de novos conceitos pelo professor pode redimensionar a interpretação do cotidiano escolar (COELHO apud MACIEL e RAPOSO, 2010, p. 88).

Sabe-se que, para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais, é fundamental o exercício da prática e saber lidar com as necessidades que cada uma delas apresenta, bem como ter um conhecimento mais aprofundado em relação a elas. Isso é imprescindível, mas também entender todo seu processo de aprendizagem, suas potencialidades e suas necessidades específicas. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997),

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão (BRASIL, 1997, p. 30).

Diante das dificuldades encontradas para o trabalho com a educação inclusiva, é notável que os educadores que assumem esta responsabilidade têm o dever de trabalhar as necessidades educacionais especiais que seus alunos apresentarem. Cada um tem o direito a uma educação de qualidade e dentro de suas potencialidades. Coelho relata ainda que:

Nesse conjunto de aspectos, as questões legais aparecem como suporte orientador e indutor de mudanças, mas não como garantia efetiva da inclusão, já que por si só, leis não garantem mudanças e também não se constituem como condições imprescindíveis para que as mudanças ocorram. Compreende-se que a legislação não deveria ser a primeira etapa do processo, pois deveria ser construída a partir do amplo debate e dos resultados que fossem sendo conseguidos, ou seja, um processo de construção legislativa que equilibrasse orientações: nem o imobilismo da realidade, pois a mudança é desejada e desejável, nem o autoritarismo de decisões (COELHO, 2010, p. 56).

Neste contexto, as leis conferem os suportes necessários aos profissionais, mas a educação de qualidade deve ser um ato consciente de cada profissional.

Diante disso, as necessidades destes alunos devem ser respeitadas e atendidas por direitos, sendo que eles devem usufruir de seus direitos e deveres como cidadãos, independentemente das diferenças que apresentem.

Para tanto, formulou-se a seguinte questão: qual a visão dos educadores de uma escola municipal de Carinhanha em relação à educação inclusiva? A necessidade que surge a cada momento na escola em que trabalho possibilitou com que fizesse uma observação sobre as dificuldades que os educadores estão encontrando para buscar uma forma de se inter-relacionar com o ambiente de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais. Esta problemática veio como uma forma de compreender o que alguns professores desta escola entendem em relação à educação inclusiva, se o seu trabalho está de acordo com as necessidades dos alunos, bem como seus métodos de trabalho.

Conhecer a realidade educacional inclusiva dessa escola, portanto, apresentou-se como uma possibilidade de auxiliar em mudanças voltadas ao desenvolvimento do trabalho direcionado à aprendizagem dos alunos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica constitui um caminho que se percorre para entender o tema em estudo, proporcionando uma reflexão mais ampla sobre a problemática pesquisada. É o espaço em que se realizam estudos, unindo a concepção dos autores às nossas reflexões e fazendo uma ligação entre elas. Pode-se afirmar que é de grande valia o envolvimento do pesquisador com os autores referenciados no trabalho.

A temática em estudo – educação inclusiva sob a perspectiva dos professores de uma escola do município de Carinhanha – Ba remete-nos a uma ampla reflexão. Partindo do entendimento das questões que emergem nesse contexto, pode-se ajudar a escola a lidar as dificuldades encontradas pelos professores. Por conta dessas dificuldades, algumas das quais vinha percebendo na escola, optei por fazer o trabalho de pesquisa realizando uma ampla reflexão neste contexto.

Ainda nos dias atuais, a educação inclusiva constitui um grande desafio para as escolas, professores e a sociedade em geral, mesmo com todos os avanços já ocorridos ao longo dos anos. Carrega-se uma concepção bastante equivocada em relação às pessoas com necessidades educacionais especiais: isto vale não somente para a sociedade como para muitos educadores que se dizem conhecedores de tal realidade. É visível o quanto ainda existem professores que não têm conhecimentos em relação às pessoas com necessidades especiais e acabam tendo dificuldade em trabalhar atividades diversificadas.

Movida pelas questões acima expostas, realizei a pesquisa em uma sala de aula, observando a maneira com que o educador desenvolve seu trabalho, com alunos com necessidades educacionais especiais. Qual a metodologia utilizada? Como ele vê este aluno na sala de aula? A metodologia utilizada para este aluno é a mesma dos outros? Essas são algumas das questões a partir das quais orientei meu trabalho de pesquisa.

Tendo como início este questionamento, iniciei a entrevista, composta por 12 questões. Ela foi realizada individualmente, com cada um dos professores, em dias e horários alternados, para não comprometer o seu

trabalho. Teve-se como objetivo saber qual a concepção dos professores em relação à educação inclusiva.

2.1. Educação inclusiva

A educação inclusiva ainda está sendo um grande desafio para as escolas e os profissionais da educação, sendo muitas vezes confundida como o ato de colocar o aluno na sala de aula, ou seja, incluí-lo em uma turma regular e não lançar mão de nenhuma ação especificamente com vistas à promoção do seu desenvolvimento. Neste contexto, Mantoan (2006, p. 45) ressalta que: “Além disso, ainda há violação do direito de acesso à educação, pois muitas crianças e jovens estão fora das escolas”. A educação inclusiva, no entanto, constitui uma forma de incluir os alunos com necessidades educacionais especiais em todos os espaços que lhes são de direito, escola, trabalho, lazer, saúde, respeito – não só o direito à educação, mas também possibilitando sua socialização e aprendizagem em meio às diferenças existentes na sala de aula. Isto constitui um grande desafio não só para a escola como também para a sociedade em geral.

Todavia, ainda existe uma grande dificuldade de aceitação em relação às diferenças. Com relação a isso, afirma-se que: “Conviver significa conhecer, participar, opinar, ousar e transformar. Cabe a escola, espaço fundamental de convivência, afirmar valores que estão de acordo com estes princípios” (BRASIL, 1998, p. 76). É notável a necessidade de mudanças no âmbito educacional, tanto na visão dos profissionais, como a todo o espaço do prédio escolar, e isto implica uma grande demanda, principalmente quando envolve o custo financeiro. Buscam-se outras formas mais fáceis de organização e que muitas vezes não resolvem o problema em questão. Outras mudanças necessárias são referentes aos métodos dos educadores, que também resistem em mudar, muitas vezes por não terem conhecimento em relação à educação inclusiva. Diante desta problemática, Mantoan relata que:

O planejamento e a implantação de políticas educacionais para atender a alunos com necessidades educacionais especiais requerem domínio conceitual sobre inclusão escolar e sobre as

solicitações decorrentes de sua adoção enquanto princípio ético-político, bem como a clara definição dos princípios e diretrizes nos planos e programas elaborados, permitindo a (re) definição dos papéis da educação especial e do locus do atendimento desse alunado (MANTOAN, 2006, p. 35).

É notável que, para haver uma educação inclusiva de qualidade, é preciso mudar muitas coisas, principalmente os conhecimentos acerca dos conceitos sobre inclusão escolar, com planejamentos e políticas educacionais mais claras e abrangentes, capazes de dar conta das necessidades desses alunos. Para isso, é necessária a qualificação de profissionais para trabalhar com eles, assim como a organização e revisão do projeto político pedagógico das escolas. Diante disso, Mantoan (2006, p.23) ressalta que “a inclusão escolar tem sido mal compreendida, principalmente no seu apelo a mudanças nas escolas comuns e especiais”. E se os professores ainda sentem estas dificuldades, é sinal de que estas mudanças ainda não aconteceram, existindo muitas dúvidas em relação à inclusão.

É necessário ressaltar que estas dúvidas devem ser sanadas, porque existem muitos alunos com necessidades educacionais nas escolas do ensino regular, e para eles terem o atendimento de que necessitam é preciso que os professores venham entender e saber lidar com estes sujeitos. Até mesmo porque estes professores devem desenvolver seu planejamento também com base nas necessidades desses alunos. Pacheco ressalta que:

Os ajustes incluídos no plano educacional individualizado devem assegurar tanta participação em aula quanto possível. Os professores precisam estar constantemente alertas para que o plano educacional individualizado promova a solidariedade e não deixe ninguém de fora (PACHECO, 2007, p. 97).

Para isso, é necessário que o professor tenha este discernimento em relação à educação inclusiva, sendo assim fundamental para um melhor desempenho do seu trabalho. Pode-se dizer que o professor possui uma responsabilidade muito grande no desenvolvimento das atividades porque estas devem ter a participação de todos os alunos, independentemente de apresentarem necessidades educacionais especiais ou não.

Ainda de acordo com Pacheco:

As escolas inclusivas consideram a aprendizagem como um processo social em que a interação social tem seu papel central para facilitar a aprendizagem. O programa de trabalho da escola inclusiva é fornecer condições para os alunos adquirirem as habilidades necessárias à colaboração bem-sucedida e a seu maior desenvolvimento (PACHECO, 2007, p. 148).

A interação entre professor e aluno constitui um fator fundamental para o crescimento dos alunos; para isso, o professor deve ser observador no sentido de buscar quais as facilidades ou dificuldades que cada aluno tem, estimulando-os sem os constranger diante dos demais colegas de classe.

Pacheco ressalta que:

A prática inclusiva em sala de aula objetiva promover a formação de relacionamentos, um ambiente afetuoso e atencioso; promove ainda igualdade, a possibilidade de apoio permanente e grande expectativas no nível cognitivo, social e emocional (PACHECO, 2007, p. 43).

Apropriar-se de uma prática inclusiva eficaz, leva ao aluno uma grande promoção do que diz respeito a sua aprendizagem e socialização.

2.2. Perfil do educador para o atendimento de pessoas com necessidades educacionais especiais

O sistema educacional está passando por inúmeras dificuldades no que se refere à educação inclusiva de pessoas com necessidades educacionais especiais. Vivemos em um país onde as diferenças ainda são vistas de uma forma preconceituosa. E para mudar esta concepção, é necessário muito trabalho, conhecimento, especialização na área, dedicação e responsabilidade. Mas, insiste-se, a necessidade de uma formação continuada é fundamental. Neste contexto, Mantoan ressalta que:

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometido com a qualidade do ensino que, nesta perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais (MANTOAN, 2006, p. 57).

Desta forma, os professores iriam aperfeiçoar não só a prática educacional como os conhecimentos necessários para a melhoria do trabalho com os alunos com necessidades educacionais especiais. Seria possível, da mesma forma, dar-lhes a oportunidade de uma aprendizagem eficaz e necessária às suas condições de desenvolvimento, por meio de algumas atividades, assim como a adaptação de materiais para o desenvolvimento de atividades em sala. Por fim, os professores se beneficiariam da própria realização profissional, podendo assim ter mais possibilidades de promover uma educação de qualidade.

Outro aspecto fundamental para o professor que trabalha com sujeitos com necessidades educacionais especiais é o carinho e a dedicação que se deve ter com eles. É visível a importância do professor no desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais. Ainda Pacheco:

O professor de turma é responsável pela educação de cada aluno em sua turma. Para atender às variadas necessidades dos alunos, o currículo e o trabalho de aula devem ser aplicados a todos os alunos e, ao mesmo tempo, ser flexíveis e ajustáveis (PACHECO, 2007, p. 97).

O educador deve levar em conta as diversidades existentes na sala de aula, por que cada aluno tem seu tempo próprio de se desenvolver, com isso o professor deve elaborar seu planejamento de maneira que possa atender a necessidades ou dificuldades de todos os alunos.

Assim, Kelman enfatiza:

É importante enfatizar aqui que a missão principal do professor não é exatamente dar aula, mas sim fazer seu aluno entender. Essa diferença é fundamental para que a escola reconquiste o seu lugar de um precioso contexto de desenvolvimento. A noção de que os professores devem desenvolver, em vez de simplesmente ensinar pode ser transformadora das práticas pedagógicas que se encontram no cotidiano escolar do momento. Aprender é constituir significado e ensinar não é apenas dar aula. É fazer o outro entender. O problema é que nosso ensino ainda é calcado em dar aula, passar prova, obedecendo a lógica em que o professor ensina e o aluno aprende: uma dinâmica que não corresponde exatamente à realidade, já que a aula, propriamente, ocupa cada vez menos espaço na sala de aula (KELMAN, 2008, p. 44).

Sendo assim, o professor deve estar sempre em busca de saberes necessários para o melhor desempenho da sua prática, e proporcionar aos seus alunos possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento. Com relação a isso, Pacheco ressalta que:

Os professores precisam conhecer o estado de desenvolvimento dos alunos para encontrar as tarefas apropriadas. Isso significa que eles precisam observar os alunos para saberem para o que eles estão prontos. Recomenda-se que os professores envolvam os alunos nos estabelecimentos de objetivos para as habilidades sociais assim como para as tarefas cognitivas (PACHECO, 2007, p. 150).

É sabido que o professor deve buscar métodos adequados para se trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais. Mas para entender como trabalhar com estes alunos, é importante saber o que eles já sabem. Para isso é necessário que o professor busque saber como está o desenvolvimento dos alunos, tanto no aspecto intelectual, como social. Só assim o professor irá saber quais as atividades necessárias para eles. Um planejamento mais detalhado, com objetivos claros e flexíveis, também se faz necessário, porque existem momentos em que os planos exigem mudanças.

Pacheco destaca que:

A necessidade de os professores aprofundarem seus conhecimentos e adquirirem novas habilidades torna-se crítica para atender às várias necessidades dos alunos (PACHECO, 2007, p. 211).

Afirmam-se mais uma vez, portanto, a importância de os professores se habilitarem em relação à educação inclusiva, até mesmo porque constitui um direito dos alunos com necessidades educacionais especiais terem acesso à escola, com um ambiente apropriado para eles e professores capacitados para lhes atenderem.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Analisar como os educadores veem a educação inclusiva, seus entendimentos e métodos para se trabalhar com estes sujeitos na sala de aula.

3.2. Objetivos específicos

Observar o trabalho de alguns educadores com alunos com necessidades educacionais especiais;

Verificar a metodologia de trabalho desses educadores, por meio dos quais se buscou respostas para a problemática em estudo.

4. METODOLOGIA

4.1. Fundamentação Teórica da Metodologia

Adotou-se na pesquisa uma abordagem qualitativa, por meio da qual se buscou entender as situações vivenciadas no dia a dia dos profissionais.

Neves conceitua a pesquisa qualitativa como:

um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social (NEVES 1996, p. 1).

A pesquisa qualitativa é organizada por técnicas diversificadas, as quais o pesquisador recorre para captar e posteriormente interpretar dados de um determinado contexto, com o objetivo, em última instância, de produzir novos olhares acerca da realidade. A pesquisa qualitativa é, portanto, um meio que o pesquisador utiliza para a coleta de dados e sua estruturação.

4.2. Contexto da pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede pública, que se localiza na Agrovila XXIII, município de Carinhanha-Ba. Esta é caracterizada como uma escola de porte médio.

Optou-se pela escola em questão por esta ter um grande valor histórico, cultural e social para o povoado da Agrovila XXIII, no sentido de proporcionar aos moradores conhecimentos necessários para sua vida pessoal e social. Por meio dela, transmite-se às crianças, jovens e adultos saberes específicos e significativos para a ampliação de seus conhecimentos.

Trata-se de uma instituição pública que atende aos alunos da Educação Infantil, de quatro e cinco anos, do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano e do 6º ao 9º ano, e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola também possui uma sala para o atendimento dos alunos com necessidades

educacionais especiais; porém ainda não está instalada. Por atender a alunos das comunidades vizinhas, a escola se tornou pequena. Sua estrutura é formada por (8) salas de aula, (1) sala da diretoria, (1) sala de secretaria, (1) sala para professores, (1) cozinha, (3) banheiros masculinos, (3) banheiros femininos, (1) banheiro para acessibilidade, (1) sala de computadores e (1) pátio. Por não dispor de espaço na escola, não foi possível a construção de uma quadra poliesportiva. A escola atende a cerca de 480 alunos; dentre estes, quatro alunos com necessidades educacionais especiais que estudam em uma turma regular. Desses alunos, uma é cadeirante, a outra tem Síndrome de Turner e as outras duas têm deficiência intelectual. Nenhuma delas possui um atendimento especializado e não há professores com formação nesta área. A escola funciona em três turnos, matutino, vespertino e noturno. A mesma possui (1) diretora, (1) vice-diretora, (1) coordenadora, (12) professores, (3) auxiliares de serviços gerais, (1) porteiro e (3) merendeiras.

4.3 Participantes

As entrevistas foram realizadas com três professoras¹ do 3º e 5º ano do ensino Fundamental I, e a outra com uma professora do ensino Fundamental II. Tais professoras demonstraram interesse em participar da entrevista, motivo pelo qual as escolhi como participantes da pesquisa, e também em razão de já terem trabalhado com alunos com necessidades educacionais especiais. Outra questão é que elas são desinibidas, comunicativas em relação aos problemas que ocorrem, indo em busca de soluções para melhorar o desempenho educacional da instituição. Todas as professoras entrevistadas têm magistério: duas são pedagogas e uma delas é pós-graduada em Gestão Ambiental. Outra está no quarto período da graduação em pedagogia.

¹ Os professores foram identificados como 1B, 2C, 3A para manter o sigilo da pesquisa.

4.4 Materiais

Foi fundamental o uso de vários materiais: celular, para gravar as falas dos professores entrevistados. Caderno contendo o roteiro para entrevista, bem como folhas xerocopiadas com o roteiro para entrevista, que foram entregues ao professor. Lápis e borracha, para anotar falas e eventualmente apagá-las.

4.5 Instrumentos

Para entender melhor a problemática em estudo, optei pela entrevista semiestruturada, por tratar-se de uma forma simples e objetiva para adquirir informações específicas e necessárias para o estudo em questão. Este roteiro foi utilizado para a entrevista com três professoras. Elaborei, também, três questões norteadoras das observações realizadas em uma sala de aula, a fim de averiguar as dificuldades que o professor tinha para trabalhar com o aluno com necessidades educacionais especiais.

É visto que, para se obter um bom resultado da problemática em estudo, é necessário buscar, pesquisar, observar e, se necessário, participar de forma mais direta da realidade investigada. Dessa forma, adquirimos mais dados para a pesquisa em estudo.

4.6 Procedimentos de Construção de Dados

Para entender melhor sobre a educação inclusiva sob a perspectiva dos professores de uma escola, do município de Carinhanha-Ba, fez-se necessário, portanto, realizar entrevistas com professoras desta escola.

Num primeiro momento, fui à escola, conversei com a gestora da instituição, entreguei a Carta de Apresentação, fazendo um breve relato sobre a atividade que seria desenvolvida na escola. Logo em seguida, ela recebeu a carta de Aceite Institucional, aceitando participar da pesquisa.

Num segundo momento, apresentei-me às professoras, convidando-as para participar de uma entrevista sobre a educação inclusiva. Num terceiro momento, ocorreram as entrevistas, de forma gradual e dentro do cronograma, que sinalizava quando poderiam estar disponíveis. Num quarto momento, realizou-se a observação em sala de aula.

Num quinto e último momento, realizou-se a organização dos dados obtidos das entrevistas e observações. Buscou-se fazer um paralelo entre o objeto em estudo, minha linha de pensamento e o que os autores defendem sobre esta problemática.

Esta foi organizada por meio de um roteiro de 12 perguntas, que os professores tiveram liberdade para responder. Através deste instrumento, foi possível organizar suas falas e entender as perspectivas de cada uma delas.

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista (MANZINI, 1990/1991, p. 154).

Para o autor, a entrevista é um ato fundamental na aquisição de saberes, em que o pesquisador irá estimular o entrevistado a dar sua opinião em relação à problemática estudada.

Também fui a uma sala do ensino regular onde havia uma aluna com necessidades educacionais especiais. Observei a maneira com que a professora desenvolvia o seu trabalho, como eram desenvolvidas as atividades dentro da sala e como ela era envolvida nestas atividades. Observei também como ocorria à inclusão desta aluna na sala de aula.

Com respeito a isso, Mantoan (2006, p. 59) destaca que: “contudo, o conhecimento dos domínios teóricos práticos dos professores é essencial para subsidiar a formulação de políticas para sua continuada formação pelos sistemas de ensino”.

4.7. Procedimento de Análise de Dados

Os dados obtidos com a pesquisa foram organizados a partir de arquivos diários, nos quais pontuavam-se, passo a passo, as falas e as observações realizadas. Posteriormente, relacionou-se as falas dos entrevistados e as observações com a teoria de alguns autores que estudam a temática sobre a educação inclusiva, fazendo uma interligação com as minhas perspectivas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Entrevistas

Foi um desafio prazeroso estar diante da responsabilidade de buscar um entendimento da educação inclusiva sob a perspectiva desses professores. A partir das entrevistas, pude perceber que as professoras têm concepções similares em relação à educação inclusiva. No entanto, elas não têm um conhecimento aprofundado em relação a esta problemática. São educadoras que ainda não tiveram a oportunidade de se capacitarem na área: duas já trabalharam com alunos com necessidades educacionais especiais; a outra, ainda não teve esta oportunidade.

A pesquisa exposta foi desenvolvida no período de quatro dias: três dias para as entrevistas e um dia para a observação na sala de aula. A observação foi realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental I, no período vespertino, formada por 14 alunos.

Em relação às entrevistas, pôde-se entender de forma prévia a perspectiva dessas educadoras em relação à educação inclusiva. Elas são profissionais que trabalham na mesma escola; somente a professora B já trabalhou em outras escolas. A professora B tem 26 anos de trabalho; a professora C, 14 anos e a professora A, 12 anos. Cada uma conta com aquisições de experiências diferentes. A professora B já é Licenciada em pedagogia, pós-graduada em Educação Ambiental e Gestão Escolar, área de conhecimentos de ciências Humanas. A docente C é formada em magistério e atualmente está cursando pedagogia pela Universidade Norte do Paraná. A professora A tem o magistério e é graduada em pedagogia. Percebe-se que cada uma delas buscou e está buscando se aperfeiçoar cada vez mais.

Quando me referi ao aperfeiçoamento de suas práticas, a educadora B relatou que não tem tempo para se dedicar aos estudos, mas sempre que pode gosta de pesquisar e ler assuntos que a ajudem na área pedagógica. Já a professora A diz que sempre busca se aperfeiçoar, pois, segundo ela, o professor precisa estar aperfeiçoando seus conhecimentos constantemente,

para uma melhor qualificação do ensino. De acordo com a professora C, esta prática seria boa por possibilitar uma melhoria da sua atividade educacional, de modo a aperfeiçoar cada vez mais o seu conhecimento e desenvolver melhor o seu trabalho.

As professoras acreditam, portanto, que a formação continuada é muito importante para a melhoria dos seus trabalhos em sala de aula. Com respeito a isso, Mantoan relata que:

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino que, nesta perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a ampliar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aqueles evidenciados pelos alunos com necessidades educacionais especiais (MANTOAN, 2006, p. 57).

Quando as interroguei sobre seus conhecimentos em relação à educação inclusiva, de imediato a professora B, A e a C falaram que já haviam estudado sobre educação inclusiva em uma disciplina da faculdade. E somente a professora C já havia participado de uma palestra sobre educação inclusiva. Diante dessas falas, pode-se perceber que se elas não tivessem cursado uma graduação em pedagogia, suas noções sobre educação inclusiva seriam bem menores, porque os conhecimentos que têm a respeito da temática foram obtidos em uma disciplina da faculdade. Para Pacheco:

A escola precisa declarar suas expectativas em relação às habilidades acadêmicas e a interação social de tal maneira que os alunos tenham a possibilidade de atingi-las (PACHECO, 2007, p. 98).

Observando a fala desse autor, nota-se que a capacitação dos educadores para trabalhar com a educação inclusiva é fundamental: a partir do conhecimento dos docentes, pode-se nortear o trabalho em face das dificuldades desses alunos, estimulando-os cada vez mais em seus processos de desenvolvimento. A responsabilidade da escola e dos educadores em relação ao trabalho com inclusão escolar é muito grande: todos devem estar por dentro das leis que regem esta modalidade de ensino, e os alunos com necessidades educacionais especiais têm direito de ter professores capacitados para trabalhar com eles e espaço adequado às suas necessidades.

Dando continuidade à entrevista, cheguei à questão central da pesquisa: saber das educadoras o que entendiam por educação inclusiva. A professora B respondeu que, para ela, consistia em transformar a escola em um espaço para todos, favorecendo a diversidade na medida em que se considera que todos os alunos podem ter necessidades educacionais especiais em algum momento da sua vida escolar. Assim como todos nós, ninguém está livre do imprevisto assim como de falhas, que muitas vezes não percebemos. Portanto, para ela educação inclusiva significa educar todas as crianças em um mesmo contexto escolar, ajudando-as a desenvolver suas habilidades e dificuldades. As diferenças não poderiam ser vistas como problemas ou impossibilidades, pois todo ser humano é capaz de desenvolver suas potencialidades e dentro de um mesmo contexto: isto é diversidade.

A professora A afirmou que a educação inclusiva seria um processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, com a responsabilidade de assumir os desafios de trabalhar com as diferenças, sem discriminação. Em seguida, a professora C afirmou que educação inclusiva diz respeito a uma maneira de tratar o outro com respeito e dignidade, pois todos merecem ser acolhidos com carinho.

As professoras relatam o que é educação inclusiva com palavras diferentes; porém, com o mesmo sentido. Educação inclusiva, como relatada pela professora B, consiste em educar todas as crianças em um mesmo contexto. Para a professora A, trata-se de assumir os desafios de se trabalhar com estas crianças, sem discriminá-las. Já a professora C fala em tratar o outro com respeito e dignidade. Pode-se dizer, diante dessas afirmações, que a educação inclusiva é tudo isso: se não houvesse todas estas questões em um ambiente escolar, não existiria uma educação inclusiva verdadeiramente, ou seja, haveria uma educação inclusiva somente na teoria. A educação inclusiva, portanto, é saber atender às necessidades dos alunos, respeitando suas diferenças e assumindo seus diferentes modos de aprendizagens. Em face dessas questões, Pacheco ressalta que:

No final do aspecto, uma escola ou um sistema escolar aceita todos os alunos nas escolas integradoras independentemente do fato se encontrarem nas que são integradoras ou em turmas

especiais; no outro extremo, todos os alunos são educados de forma conjunta nas classes do bairro de sua escola (PACHECO, 2007, p. 14).

O autor nos mostra que, independentemente de onde o aluno esteja integrado, é possível educar todos os alunos. Porém, para isso é fundamental que os educadores estejam preparados para assumir esta responsabilidade. Ainda segundo Pacheco (2007, p.15), “As práticas pedagógicas em uma escola inclusiva precisam refletir uma abordagem mais diversificada, flexível e colaborativa do que em uma escola tradicional”. Neste sentido, a escola inclusiva deve dar o apoio necessário às crianças com necessidades educacionais especiais sem discriminação, sendo flexível, e diversificando suas práticas pedagógicas.

Mesmo que a escola seja um ambiente propício à educação inclusiva, tendo professores capacitados e uma educação de qualidade para estas crianças, ainda é necessária a ajuda, ou seja, o apoio da família na escola. A professora B aponta que se faz necessária a participação da família, assim como a de toda a equipe que trabalha pela educação e desenvolvimento da criança, ou seja, do aluno. Continuando, a professora A afirma que o auxílio da família dos alunos com necessidades educacionais especiais na escola é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem. A professora C diz que o apoio da família é fundamental no desenvolvimento da aprendizagem, e no convívio com os demais, fazendo com que se facilite o desempenho do aluno.

É notável que o apoio da família seja um ponto bastante importante para o desenvolvimento dessas crianças e, como observado, todas as três professoras apoiam esta interação entre família e escola. Neste aspecto, é notável que ainda existam pais que resistam em incluir seus filhos com necessidades educacionais especiais na escola, seja por medo, seja para protegê-los da discriminação da sociedade. Sendo assim, Mantoan alerta que:

Se os pais, professores, dirigentes educacionais não tinham conhecimento dos direitos de todos à educação comum, há hoje documentos e uma ação corajosa do movimento escolar inclusivo que estão cumprindo o seu dever de alertar os educadores e os pais nesse sentido (MANTOAN, 2007, p. 25).

O compromisso dos pais em matricular seus filhos na escola é um direito garantido por lei. Sendo assim, as famílias devem cumprir com seus direitos, possibilitando a seus filhos uma educação de qualidade, troca de experiências e socialização com a diversidade exposta na sociedade. Não se deve impedir alguém de aprender, porque a escola é um lugar privilegiado para fazemos pontes entre os saberes das experiências adquiridas no convívio familiar, educacional e social. Fortalecendo a questão acima, no documento do Parâmetro Curricular Nacional, destaca-se que:

Diferentes famílias constroem suas histórias e desenvolvem crenças e valores, certamente muito diversos, embora possam receber influências sociais semelhantes. Compreender e respeitar essa diversidade e dialogar com ela enriquece a comunidade escolar e favorece o desenvolvimento de uma visão crítica por parte dos alunos (BRASIL, 1998, p. 304).

Neste sentido, o respeito e o diálogo são fundamentais, para se poder mostrar à família a importância de continuar cultivando todos estes valores e interligando-os aos conhecimentos adquiridos na escola. Para isso, é necessária a participação dessas crianças no contexto escolar.

Questionei também na entrevista se as professoras trabalham ou já haviam trabalhado com crianças com necessidades educacionais especiais e como haviam sido as experiências. A professora B disse que, de início, era um pouco confuso. Não sabia como lidar com tal experiência, principalmente por ter sido logo no início do seu trabalho como professora. Por ser calma e gostar muito de crianças, conseguiu trabalhar com todos em harmonia, com igualdade. Segundo ela, eram muito animados nas rodinhas de conversas. Muitos dos coleguinhas conseguiam se comunicar com esses alunos através de gestos, melhor até do que ela mesma. Hoje isso já seria diferente, após, sobretudo, ter realizado alguns estudos relacionados à inclusão. A professora A também já havia trabalhado com crianças com necessidades educacionais especiais e, segundo ela, esta foi uma nova experiência, um desafio muito gratificante, apesar de não ter uma especialização na área. Exigiu muita paciência e dedicação, mas foi uma experiência boa. Já a professora C disse que não havia trabalhado com tais alunos.

As professoras B e C, que já trabalharam com alunos com necessidades educacionais especiais, relataram que, apesar das complicações, ao final correu todo bem. A professora disse ser necessário haver muita dedicação e paciência.

Pode-se dizer, diante disso, que, para trabalhar com educação inclusiva, é necessário, além de paciência, dedicação, carinho e compromisso, atributos desejáveis de todo aquele que deseja trabalhar como educador, acreditar que estas crianças são capazes de se desenvolver. Sendo assim, a inclusão escolar, apesar de se constituir atualmente como uma realidade cada vez mais extensa, ainda necessita se expandir mais, de modo a ser capaz de construir cenários de igualdade cada vez maiores, servindo àqueles que precisam. Diante disso Mantoan (2006, p. 16) relata que “A escola justa e desejável para todos não se sustenta unicamente no fato de os homens serem iguais e nascerem iguais”. Sabe-se que todas as pessoas precisam de uma escola que lhes proporcione uma educação de qualidade independentemente das diferenças que são apresentadas.

Outra questão é como a escola busca a inclusão dos alunos com necessidade educacionais especiais. De acordo com a professora B, a escola não se recusa a receber alunos com qualquer necessidade educacional especial, mesmo sem dispor de suportes materiais adequados. Segundo ela, faz-se o possível dentro das possibilidades dos professores e da escola. Para a professora A, até que a escola tenta romper com o preconceito, procurando ser mais aberta, mas esbarra-se na falta de formação específica dos profissionais e na ausência de recursos necessários para o desenvolvimento das atividades e socialização desses alunos.

Segundo a professora C, tenta-se dar o suporte necessário a estes alunos, pois a escola não é capacitada para atender de forma adequada aos alunos com necessidades educacionais especiais. Para ela, a escola busca a melhor maneira possível de trabalhar a educação inclusiva, porém não dispõe de recursos e profissionais especializados. Haveria um desejo de tornar a escola um lugar capaz de oferecer um bom atendimento inclusivo, mas as demandas na realidade são maiores e poucos são os que dão suportes. Neste

caso, Mantoan (2006, p. 22) destaca que: “O certo, porém, é que os alunos já mais deverão ser desvalorizados e inferiorizados pelas suas diferenças, seja nas escolas comuns, seja nas especiais”. Diante desses relatos, pode-se dizer que mesmo que a escola não ofereça uma educação inclusiva de forma adequada, identifica-se uma “força de vontade” em atender a estes alunos. Mesmo diante de todas as dificuldades encontradas nesta escola, da falta de recursos, espaços e ambientes adequados, existem professores que querem “fazer a diferença” na vida dessas crianças.

Dando continuidade à entrevista, pergunto a cada uma delas se o espaço escolar e as atividades desenvolvidas na escola são eficazes diante das demandas dos alunos com necessidade educacionais especiais. Segundo a professora B, não. Para ela, isso se deve não à falta da gestora, da coordenadora ou de professores, mas do sistema educacional, que não funciona como previsto na lei dos direitos humanos. O que prevalece é a voz do que diz “faça o que eu mando, mas não faça o que é de direito de todos”. Para complementar as falas das professoras, Mantoan (2006, p. 23) leva-nos a refletir sobre a educação do nosso país dizendo que: “A verdade é que o ensino escolar brasileiro continua aberto a poucos, e esta situação se acentua drasticamente no caso dos alunos com deficiência”.

Olhando por este lado, concordamos que tudo é mais difícil para a educação inclusiva, até mesmo a realização de cursos de formação, que são raros de acontecerem neste município. Vendo estas dificuldades existentes no sistema educacional inclusivo do nosso país, mais especificamente deste município, perguntei às professoras como elas veem a educação inclusiva em suas escolas. A professora B disse que a enxerga de uma forma “acomodada”. Faltariam ações, colaborações e motivações por parte de todos, interação e inclusão no grupo social. Segundo ela, não só o mediador, mas todas as equipes escolares poderiam e deveriam ajudar um aluno com tais necessidades a criar suas próprias ferramentas para usufruir do seu espaço escolar de forma independente. No caso da professora A, não haveria uma educação de qualidade: faltaria espaço, recursos, professores habilitados nesta área. No entanto, a escola atenderia aos alunos em turmas regulares, mas sem nenhum outro acompanhamento. A professora C afirmou que faz o que pode

com o recurso que tem. Como foi dito anteriormente, diante das dificuldades de se trabalhar com a educação inclusiva, os educadores fazem o que está ao seu alcance.

Diante da falta de uma política pública organizada e efetiva, Mantoan destaca que:

Nosso sistema educacional, diante da democratização do ensino, tem vivido muitas dificuldades para equacionar uma relação complexa, que é garantir escola para todos, mas de qualidade. É inegável que a inclusão coloca ainda mais lenha na fogueira e que o problema escolar brasileiro é dos mais difíceis, diante do número de alunos que temos de atender, das diferenças regionais, do conservadorismo das escolas, entre outros fatores (MANTOAN, 2006, p. 23).

Observa-se que o sistema educacional está tendo muita dificuldade de cumprir com os objetivos previstos, de garantir escola para todos. Por existirem estas dificuldades, o sistema não conseguiu se organizar de forma correta e dispor de uma educação de qualidade e para todos.

Ao término da entrevista, vi a necessidade de perguntar a elas se fazem alguma coisa em relação a esse cenário em torno da educação inclusiva. A professora B afirmou que gostaria de poder fazer algo, mas devido à escassez de tempo e ao fato de não ser ouvida ao cobrar por algo que lhes ajudaria, fica “só na vontade” de construir, não vendo, assim, bons resultados. A professora B disse que busca reivindicar os direitos desses alunos. Quando vê algo que, segundo ela, não está “correto” na educação inclusiva, procura conversar, mostrando a realidade. A professora C disse que mudar esta realidade não depende de uma só pessoa, mas do esforço e apoio de muita gente. Em face de tantas dificuldades, observa-se que muitos educadores estão desacreditados em relação a uma educação inclusiva de qualidade. Com respeito a isso, Mantoan afirma que:

O que falta às escolas especiais, como substituta das comuns, é muito mais do que a soma das carências das escolas comuns. Falta-lhes o primordial das escolas, isto é, o ambiente apropriado de formação do cidadão (MANTOAN, 2006, p. 27).

As próprias escolas do ensino regular ainda necessitam de uma melhor organização, para que possam se adaptar às novas exigências do sistema

educacional. Formar cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos e deveres é fundamental em qualquer instituição educacional.

5.2 Observação

A observação foi realizada em um único dia, no período vespertino. Diante das questões apresentadas, pude perceber que a professora não tem muitas habilidades para trabalhar com esta aluna, deixando-a sem atividades e adotando uma postura queixosa em relação a ela, sem buscar métodos diferenciados para trabalhar em sala de aula. As metodologias utilizadas para os outros alunos é a mesma. A aluna parece não estar em sala de aula. A professora nunca a estimula a fazer atividades. No período que fiquei em sala, a professora não passou atividades para ela.

Pude perceber que esta professora possui poucos recursos no que diz respeito à educação inclusiva, parecendo possuir pouca capacitação para lidar com alunos com necessidades educacionais especiais. Pela observação feita, esta aluna limitava-se a preencher seu lugar na sala.

Mantoan ressalta que:

O ensino escolar comum e o despreparo dos professores, por sua vez, não podem continuar sendo justificativa dos que querem escapar da inclusão escolar pelos mais diferentes motivos (MANTOAN, 2006, p. 29).

Independentemente de possuir ou não capacitação, a professora em questão parece não buscar ajuda. Como diz a autora, esta justificativa protege o professor da responsabilidade e do trabalho com o aluno que está ali por um direito que lhe é garantido por lei.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer esta análise em relação às entrevistas e à observação realizada em uma escola do município de Carinhanha, em torno da perspectiva dessas professoras sobre a educação inclusiva, foi crucial para concretizar meu trabalho de pesquisa. Parti do objetivo de compreender a visão dos educadores em relação à educação inclusiva, seus entendimentos e métodos para se trabalhar com estes sujeitos na sala de aula.

A pesquisa contribuiu no sentido de possibilitar novos olhares sobre a concepção desses professores em relação à educação inclusiva nesta escola, seus métodos de trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais, suas angústias e dificuldades. No decorrer de todo o estudo, observou-se que cada uma demonstrou seu entendimento em relação à educação inclusiva. Foi possível também fazer paralelos entre as falas dessas professoras e autores especializados nesta área, bem como minhas concepções em relação à temática em destaque.

Enfim, pude perceber que o conhecimento dessas professoras em relação à educação inclusiva é “superficial”: os conhecimentos giram em torno das experiências adquiridas em uma disciplina da faculdade e em situações vivenciadas em sala de aula. Somente uma delas participou de uma palestra sobre o tema. Diante disso, pode-se perceber a dificuldade que a professora da sala a qual observei tem em trabalhar com a aluna com necessidades educacionais especiais, porque a falta de conhecimento em relação à educação inclusiva é significativa. Fazendo um paralelo entre as entrevistas e a observação, pode-se dizer que estes educadores não têm formação adequada para lidar com a educação inclusiva, e as políticas públicas da rede municipal não dão o apoio necessário para as dificuldades existentes.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais**: Língua portuguesa/Brasília, 2007.

_____. **Parâmetros curriculares Nacionais Temas transversais**: terceiro e quarto ciclo/Brasília, 1998.

KELMAN, C. A. CARVALHO, E. N. S. de NEVES, M. M. B. da J. RAPOSO, P. N. **Necessidades especiais no contexto escolar**: a ação do professor. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. CEAD – Curso de Especialização para Professores do Ensino Médio do GDF, Módulo 5 da Área Comum, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. Maria Teresa Eglér Mantoan, Rosângela Gavioli Prieto; Valéria Amorim Arantes (Org.). São Paulo: Sammus, 2006. MANZINI, E j, **A entrevista na pesquisa social**. *Didática*, São Paulo, V.26/27, 1990/1991.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

PACHECO, José. **Caminhos para inclusão**: um guia para o aprimoramento da equipe escolar/José Pacheco. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAPOSO, M. B. T.; MACIEL, D. M. A. **A psicologia e a formação de professores**: ação e reflexão a partir da percepção de professores em formação. *Interação* 10. Curitiba, 2006. p. 287-300.

8. ANEXOS

8.1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente, _____

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____

8.2. Carta de Apresentação



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a)

que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^a Dr^a Diva Albuquerque Maciel**

8.3. Aceite Institucional



Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), da _____ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da _____ pesquisa

_____, de _____ responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. _____.

O estudo envolve a realização de _____ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento _____ (*local na instituição a ser pesquisado*) com _____ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de _____ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em _____ e término em _____.

Eu, _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), _____ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____ (local), ____/____/____ (data).

Nome do (a) responsável pela instituição

Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

APÊNDICES

Roteiro para entrevista

1º- Há quanto tempo atua como professor (a)?

2º- Sempre trabalhou nesta escola, ou tem experiências em outras escolas?

3º Qual é a sua formação?

4º- Você sempre busca fazer cursos de aperfeiçoamento na área em que trabalha?

5º- Você sabe ou já ouviu falar sobre educação inclusiva?

6º- O que é educação inclusiva para você?

7º Mesmo tendo um professor especializado nesta área da educação inclusiva, ainda existe a necessidade da ajuda da família na escola?

8º Você trabalha ou já trabalhou com crianças com necessidades educacionais especiais? E como foi a experiência?

9º- A escola busca a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais? Como?

10º- Em sua opinião, o espaço escolar e as atividades desenvolvidas na escola é eficaz as necessidades dos alunos com necessidade educacionais especiais?

11º Como você vê a educação Inclusiva da sua escola?

12º Você faz alguma coisa para mudar naquilo que você acha não está correto em relação a educação inclusiva?

Roteiro para observação

Qual a metodologia utilizada?

Como ela vê este aluno na sala de aula?

A metodologia utilizada para este aluno é a mesma para os outros?